

REPETIÇÃO

Lá pelo ano de 1936 (meio século atrás), quando eu ainda era um menino, fui à casa de meu avô Júlio Sudário da Silva Leite, que ficava na esquina das avenidas 7 de Setembro com Presidente Valentim Gentil. O casarão estava plantado próximo à atual Drogaria São Lucas, de onde olhava o jardim da praça do fundador da cidade. Era cerca de duas horas da tarde. Entrei, atravessei a sala deserta, desemboquei na copa, segui pela cozinha e não vi ninguém. Saí para o quintal, havia um rancho (de telha vã), onde ficavam uma rede de imbirá, móveis antigos e u'a mesa tosca de imbuíá maciça.

Naquele tempo, eu usava "Kedes" com sola de borracha, pois iria jogar bola ao cesto na quadra da Prefeitura (que existe até hoje), razão por que cheguei em silêncio.

Meu avô, homem grande e forte, mas já velho, estava sentado numa cadeira, com o cotovelo direito apoiado à mesa e com a mão na fronte. Usava seu habitual terno "cáqui", com colete e tudo, sapatões de pelica e um chapéu de feltro na cabeça, já rala de cabelo.

Na modorra da tarde de verão, estava dormindo sentado. Com o respeito que ele sempre me infundia (por ser uma espécie de herói da família), olhei-o demoradamente. Vi

seu corpão meio curvo, suas mãos possantes com as manchas escuras próprias da idade, seu rosto nobre e bonito, encimado pelos óculos bifocais. Saindo de um dos bolsos do colete, divisei a correntona de ouro, enfeitada por uma libra esterlina, que hoje está entre meus tesouros mais queridos.

Pé ante pé, deitei na rede durante longo tempo, com meio século nos separando. Depois cansei do silêncio e resolvi acordá-lo, movido pela cobiça infantil, já que ele sempre me dava uma moeda, para o sorvete, doce ou outra guloseima... Cheguei perto da mesa e toquei-lhe o braço esquerdo. De pronto meu avô acordou, olhando minha infância moleque e estouvada. Suavemente, sem bronca, passando a mão direita nos meus cabelos, me disse:

-Nunca acorde um velho que está dormindo em hora errada, sentado e com o cotovelo apoiado ao tampo da mesa, com a mão direita segurando a testa. A gente, com tantos janelos, dorme facilmente. E no sonho, é moço de novo, com o corpo ágil. Agora mesmo, eu estava montado em meu cavalo vermelho, em pleno pantanal de Mato Grosso, voltando de Cuiabá. Vínhamos, eu, os peões, os cavalos, as mulas da comitiva, tangendo uma boiada "baguá" com mais de duas mil reses. Era de tarde e mais um pouco, armariamos o acampamento, para descansar de mais u'a "marcha". Depois de prender a rede em duas árvores do campo, do banho alegre

no rio, jantaríamos o feijão com charque, farinha de mandioca e rapadura, para ficar ouvindo o berro triste do gado, seu resfolegar possante, o som musical do cencerro da "madrinha" da comitiva, sob as estrelas incontáveis do céu. E, à noite, iríamos escutar o canto triste da seriema, os barulhos dos outros bichos, até que a areia do sono entrasse nos olhos cansados das longas e ásperas caminhadas. E, na manhã seguinte, seria iniciada nova caminhada sem fim, com o ponteiro à frente e o capataz na culatra.

- Meu neto. Meu sonho foi tão real que cheguei a ouvir o som dolente do "berrante" e o barulho das milhares pisadas dos bois sobre o chão do cerrado. Vi-me com o revólver 38 na cinta e a carabina presa na cabeça do arreio. Em resumo: quando durmo, como agora, ainda sou moço, sou forte, sou rei, não tenho medo de nada, nem do boi "baguá", nem da cobra cascavel, nem da onça parda, nem das incertezas do futuro e da vida. Quando durmo e sonho, nem tenho medo da morte. Nunca mais você deverá acordar um velho que está domindo. Agora, meus sonhos foram embora e não sei se vou encontrá-los novamente...

Recentemente, às três da tarde, meu neto mais novo entrou correndo em minha casa. Veio buscar uns cruzados para o "chiclete". Eu estava dormindo sentado, com o cotovelo apoiado à mesa da sala e com a mão direita segurando a cabeça...